

O "Tio" foi transferido...

para o Príncipe Perfeito...

Foi dia de festa a bordo. Grandes responsabilidades nos esperavam dali para a frente.

Infelizmente que o "Tio" foi só. A "*fauna acompanhante*", ficou.

Mas antes disso. Tudo iria mudar. Ou melhor algumas coisas iam mudar.

Como de facto mudaram.

O "**25 de Abril**" tinha chegado ao Amélia antecipadamente em 1970; para tal, tinham contribuído os 2.os Oficiais, que sempre fizeram frente ao "Tio", que agora nos deixava.

Enfim, finalmente teríamos acesso, como oficiais que éramos, a todos as áreas do navio reservadas à 1ª classe, até então interditas.

Interditas, porque o estrato social dos oficiais era baixo, a maior parte deles eram umas "bestazinhas" ignorantes, metiam-se com todas as senhoras que iam a bordo, atacavam de dia e de noite, a qualquer hora.

Também, não tinham boas maneiras e comiam à mesa, como quem come à "*manjedoura*"...

Se não era isto, eram argumentos de peso iguais a estes... Mais ou menos.

As suas cabeças não pensavam. Por isso, o Comandante pensava por todos, ou quase todos.

Quando algum pensava em paralelo com o Comandante, o fim da sua carreira estava próximo do fim.

Alguns até estavam dispensados de pensar...

A Escola que formara uns e outros tinha sido a mesma.

Não, não se compreendia, pois salvo os oficiais oriundos de famílias de "*castas genuínas*", os outros eram todos os "animaizinhos" ou a estes equiparados.

Alguns até eram... Mas eram só alguns. Não era a maioria. Só alguns.

Esta vitória, culminava com a guerra surda que se havia instalado a bordo, a que não era estranha a cobiça e a "*falta de pedalada*" da *brigada do reumático*, que salvo raras exceções, por ali predominava.

Esta guerra surda surgia, na luta pelo direito e acesso às áreas interditas do navio, e porque se passava naquela data, tinha mesmo que ser surda por razões óbvias.

O "*novo Tio*", antes nosso Imediato, ao "*libertar*" o pessoal, das *grilhetas*, apenas conferiu mais liberdade, a que correspondia, obviamente, mais responsabilidade.

Para bons entendedores bastou a primeira...

Este "Tio", não se viria a arrepender desta medida, uma vez que toda a "*gente*" soube usá-la convenientemente.

Bem haja **Comandante Mário de Oliveira** por ter confiado na sua rapaziada.

O imediato que se lhe segue foi o ZIP..ZIP. Sim. Dores de Almeida, para quem não se recorde.

Isto só para clarificar algumas situações e não gerar confusão, com algumas afirmações feitas em textos anteriores, de onde se possa deduzir, e tirar conclusões erradas.

Nenhum destes Imediato era "bufo". O "bufo", era outro...

Em linguagem de hoje, o bufo seria o Imediato Virtual...

Esse sim. Bufou... E bufou muitas mais vezes...

Às vezes passo por ele, *sem saudade recorde*, todas as suas *bufadelas*. Filho de uma mãe.

De facto esta imagem do virtual, correspondia rigorosamente, à maior das ovelhas ranhosas, do nosso "rebanho", do Amélia.

Havia de permanecer virtual para sempre...É só uma pragazita!...

Mas tínhamos ainda outra ovelha, ainda mais ranhosa. Pelo menos era mais uma, que comunicava superiormente e por sinal era "*verde*"...

Era conhecido entre nós, pelo "*soprador superior*"!?...

Como já disse, esta "*ovelha muito ranhosa*", era "*verde*"...

A equipa que deveria transportar **o móvel imaginário**, já havia sido designada pelo supremo "**júri**".

Sabíamos de antemão quantas dificuldades se nos iam deparar, para levar por diante tão árdua tarefa, a de fazer deslocar da praça D^a Amélia de Mello, o móvel de tão grandes dimensões, nos tão já de si apertados arruamentos do "Promenade deck".

"Zé Carapau" e o Comissário Pina Antunes, dotados pela mãe natureza de olho clínico, bem grande, haviam feito um reconhecimento, à maneira.

Confrontados, com a realidade, mais uma vez aproveitada a hora nobre do jantar da 1^a classe, todos os oficiais disponíveis, com Trancas à mistura, se colocaram a jeito de pegar no móvel invisível.

Rodeados de todos os cuidados inerentes com o manuseamento deste tipo de carga, para não danificar numa aresta viva deste, o móvel foi finalmente levantado a peso.

Quim Romão, da Figueira à frente. Veloso a trás.

De cada lado do corredor, por ser o mais perigoso, os Trancas tomavam acorados a posição de sustentação.

Pina Antunes, abria o cortejo, afastando amavelmente os passageiros mais destemidos, que inadvertidamente obstaculizavam a progressão do móvel.

Atrás, o "Zé Carapau", como que não deixando nada escapar, fechava e cortejo, ao mesmo tempo que passava a mão pelo "**pêlo**" a umas saloias que iam de rota batida para Moçâmedes.

O móvel avançava vagarosamente. Mas avançava... Era importante que avançasse mais um pouco.

O **Compadre Alentejano** observava a assistência e ia tirando os "**azimutes**", ao mesmo tempo que tomava notas para elaboração do relatório final...

O Moita e o Rogério Lemos estavam de quarto, mas sabiam do acontecimento.

O móvel progride...Agora uma pausa. A rapaziada está cansada.

Pudera, com tamanho esforço, quem não se cansa...

Um puto empreende uma correria desenfreada, projectando-se em frente de encontro ao móvel invisível.

Um braço, rapidamente horizontalizado, imobiliza o petiz, impedindo que este se "**esmagasse**" contra toda aquela massa enorme e invisível.

Um puxão enérgico de orelhas, e uma monumental reprimenda de sua mãe, acabaria por deixar o "*puto*" a berrar, e a chamar "*malucos*" a toda aquela gente, cujas cabeças por certo muito deveriam à razão...

Sim, por que na mente do "*puto*", o corredor estava propício a uma correia louca, porque estava desimpedido, e contava com uma "*bestial*" assistência.

Mas, a natureza é assim, coloca as coisas onde menos se espera.

O mesmo aconteceu com o móvel invisível, que entre muitas vicissitudes e tropelias, chegaria em ótimas condições ao seu destino.

A sala Cabo Verde, foi pequena para tão grande comemoração.

Entre cigarrilhas e whiskies "*do bom*", nada faltou. E os Trancas a pagar...

A noite, já ia adiantada. A proa do nosso navio sulcava a água do mar, caturrando suavemente.

Daí a pouco estava a entrar de quarto. Precisava de descansar um pouco.

Desci ao pavimento dos nossos camarotes, abri a porta, e zás. Vai daí e tirei uma soneca.

De charuto fumegante,
E tacão a bater no soalho.
Tem prosa é bem falante,
É Chagas e não o trabalho.

O Gavinho mareante,
Asou como a ave,
Do Amélia bem distante,
P'ro ninho Lisnave.

O Mendes, o Júlio, o Reginaldo, oficiais,
Normais pessoas são.
P'ro lá passaram horas infernais,
Mas nem por isso arrependidos estão.

Depois o Lemos, o Sequeira,
E Helder, mas o Foles e Romão, não.
O Veloso talvez não queira,
Todos p'ra queimar são.

De todos quase falei,
De outros vou ainda falar.
Para que saibam no Amélia andei,
Para carreira iniciar.

Miranda, suou...suou...
E na Turbo está "montado"
O já regulador funcionou,
P'ra ser ligada ao quadro.

Terceiros, voto na matéria tem,
Embora, só em situações especiais.
Segundos, são antes de Primeiros,
Mas Chefe pesa mais...

No mar parado, espera-se solução,
O motor principal não trabalha.
Tranca line, é chamado então,
P'ra descobrir a falha...

O Chefe ficou satisfeito,
Com Tranca solução...
Ficou digno de respeito,
Este ser abaixo de cão.

Sem reparar a avaria do motor,
Com agrado, Oficiais ouvi falar.
Tranca line sugeriu *o virador*,
P'ra navio continuar a navegar.

Foi de facto inédita ideia,
P'ro navio navegar...
A vida do Tranca estava feia,
Pois banhada ia apanhar...

Palavras não foram ditas,
O **Tranca line** banho vai levar.
Na próxima deixa-se de fitas,
Para situação não agravar.

P'ra castigo bebidas tem,
No bar ter que pagar.
De cara alegre o vêm,
Factura assinar.

Alberto Costa Superintendente,
Ao **Rui** da Figueira disse a verdade.
É atitude consciente,
A normal perda de virgindade.